

A CULTURA MATERIAL E OS LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA NO FINAL DO SÉCULO XIX NO RIO GRANDE DO SUL

DIONE DUTRA LIHTNOV¹;
ELIANE PERES³

¹Universidade Federal de Pelotas – lihtnov@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um recorte específico de um projeto de pesquisa para a tese de doutoramento em Educação que vem sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil. Busca-se, especificamente, aproximar o processo de constituição da cultura material e escrita com o tema Geografia, tendo em vista uma análise de livros didático produzidos para o ensino da Geografia no final do século XIX. Essas obras circularam e foram fornecidas pelas autoridades do Rio Grande do Sul às escolas públicas primárias e atualmente são salvaguardadas pelo Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales)¹ da Universidade Federal de Pelotas.

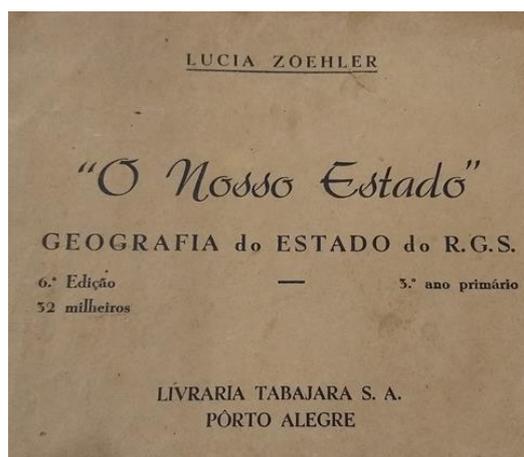
Nesta perspectiva, esta análise discute o processo de transmissão da cultura material e escrita orientada pela concepção de representação compreendida nesta perspectiva como “(...) **esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido e o espaço ser decifrado**” (CHARTIER, 1990). Este processo caracteriza a história não como um conhecimento linear, mas sim fragmentado. Isto implica o reconhecimento de múltiplas trajetórias históricas - trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam - em substituição à idéia de uma única história universal, que coloca todas as diferenças e contradições numa mesma linha do tempo.

Um exemplo desta concepção - também muito propagada nos livros didáticos - é a “descoberta” da América pelos europeus, na qual a história é contada de forma linear e progressiva, do ponto de vista do “descobridor”, sendo negligenciada a pluralidade de representações de povos, comunidades e raças que coabitavam neste território. É ilusão, entretanto, pensar que encontraremos todas as fontes de pesquisa necessárias para se reconstruir fielmente os fatos que deram origem ao presente. Assim, partindo do pressuposto de que em determinada época e lugar são geradas representações da realidade, se investiga como estas representações apontadas por Chartier (1990) aparecem nos livros didáticos. A este respeito, Choppin (2004, p. 557) destaca:

Conclui-se que a imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo época e local e possui como característica comum apresentar a sociedade mais como aqueles que, em seu sentido amplo, conceberam o livro didático gostariam de que ela fosse, do que como ela realmente é. Os autores de livros didáticos não são simples expectadores de seu tempo: eles reivindicam um outros status, o de agente.

¹ O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - é um centro de memória e de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Para saber mais, acesse: <http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>

Tendo em vista elucidar este processo, foram analisadas duas obras didáticas para o ensino de Geografia, produzidas por autores/as gaúchos/as entre os anos de 1920 e 1960, a saber: *Noções de Geographia* (1929); *O Nosso Estado* (s/ano). Embora essas obras tenham sido editadas no decorrer do século XX, à evidências e pesquisas que comprovam que os livros analisados foram utilizados nas aulas públicas do Estado do Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e início do XX². Considerando que os livros foram produzidos por autores/as e editoras diferentes, bem como períodos de uso diferenciados, optamos por apresentá-los individualmente. As figuras 1 e 2 apresentam a capa do livro *Noções de Geographia* (1929) e a folha de rosto do livro *O Nosso Estado* (s/ano), respectivamente.



Figuras 1 e 2. A esquerda: Capa do Livro *Noções de Geographia* – 1929, s/ed. A direita: Folha de Rosto do Livro *Nosso Estado* (s/ano - 6ª ed.) Fonte: Hisales (UFPEL).

2. METODOLOGIA

Chartier (1996, p.62) entende o fazer do historiador como uma prática científica que deve ser problematizada a partir dos determinantes de seu lugar de produção, dotada de procedimentos metodológicos próprios. Nesta perspectiva, tendo em vista as características da pesquisa desenvolvida, metodologicamente, a proposta assume uma dimensão centrada na análise documental.

No que confere a prática dos arquivos, a análise documental está baseada em uma operação historiográfica, ou seja, uma forma de “encarar a história como uma operação tentando, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar, procedimentos de análise e a construção de um texto” (CERTEAU, 1982, p.66).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro livro a ser analisado intitulado *Noções de Geographia* (1929 – s/ed.) foi publicado pela Livraria do Globo sob autoria de Affonso Guerreiro Lima, reconhecido professor no Estado e autor de outros livros didáticos também utilizados nas escolas primárias gaúchas. O livro possui as medidas de 15,5 x

² Para saber mais, ver PERES, Eliane; MICHEL, Caroline. **Circulação e Fornecimento de Livros Escolares no Rio Grande do Sul no final do Século XIX e início do século XX (1873-1921)** In: PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (Orgs.) **Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

22,5 cm, contendo 143 páginas impressas em preto e branco, incluindo apenas os mapas impressos em cores.

Com relação à estrutura da obra, ela está dividida em duas partes: Na primeira, há o estudo do Estado do Rio Grande do Sul; e na segunda o estudo da Geografia física do Brasil e do globo terrestre. Metodologicamente, ao longo da obra, é possível identificar uma estrutura didática bem definida e que se repete fazendo uso de três elementos centrais: Imagem; Texto; e a abordagem de uma Lição Central.

De um modo geral, a análise dos conteúdos revela um direcionamento à Geografia Física ou Sistemática, com especializações tópicas (Geografia do Clima, Geografia do Relevo, Geografia da Geografia Econômica, etc.), sendo utilizado o recurso do mapa como um elemento de representação ao final de cada seção, ou seja, uma representação do real, construída por diferentes grupos tendo em vista justificar e legitimar um determinado lugar e, ao mesmo tempo, a própria representação que está em jogo: à hegemonia; ou, em outras palavras, impor aos grupos sociais seus valores e conceitos” (BICCAS, 2012). A Figura 3 ilustra este processo a partir da representação hidrográfica do Estado do Rio Grande do Sul.

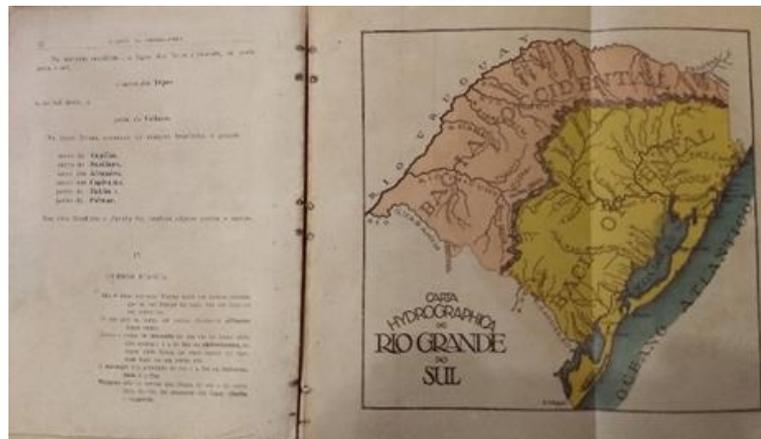


Figura 3. Mapa Hidrográfico do Rio Grande do Sul - Noções de Geographia – 1929, s/ed. Fonte: Hisales (UFPEL).

O segundo livro investigado intitulado *Nosso Estado* (s/ano; 6ª ed.) foi publicado pela Editora Tabajara sob a autoria de Lucia Zoehler. Com medidas de 22x18cm, o livro didático contém 32 páginas e está impresso em preto e branco. O livro não possui a identificação do ano de publicação, no entanto, pela análise de seu conteúdo, estima-se que o mesmo tenha sido editado e publicado entre as décadas de 1940 e 1960.

Considerando especificamente os conteúdos apresentados no livro, verifica-se o predomínio da Geografia Física, Econômica e Cultural, com destaque para o estudo da diferenciação de áreas: a busca pela individualização das áreas com o intuito de compará-las. Esta característica torna a cultura um forte significador deste processo de caracterização espacial e regional. Um trecho transcrito do texto “A Vida na Campanha e no Litoral” demonstra a representação cultural dos “tipos humanos” característicos do Rio Grande do Sul, significados na figura típica do gaúcho e do pescador:

“É na campanha e no litoral que existem os dois tipos humanos mais característicos do Rio Grande do Sul. Na Campanha, ou seja, nos campos gaúchos, agita-se o Gaúcho, o gaúcho no verdadeiro sentido da palavra. É o homem que veste botas, munidas de grandes esporas, pala e ponche, chapéu de aba larga, lenço de côr viva ao pescoço, camisa

xadrez e as bombachas peculiares. Não é somente no vestir que o gaúcho se distingue, mas também seu linguajar e seus costumes são diferentes dos demais riograndenses. Quanto aos hábitos do gaúcho, deve-se notar o cavalgar diário através dos campos imensos, das coxilhas verdejantes(...) O chimarrão e o churrasco são seus alimentos prediletos. O homem da Campanha está dividido em duas categorias sociais: patrão e peão. Sua ocupação consiste na lida com o gado (...). No litoral rio-grandense existe outro tipo humano característico. É o pescador. Ao longo de toda costa do nosso Estado encontra-se uma população pobre e subnutrida, vivendo em choças e cobertas de capim, alimentando-se de peixe e de farinha de mandioca. Seu aspecto é doentio, sua pele amarelada; transparece a pobreza alimentar. Também a linguagem do pescador é peculiar. Seu falar é cantado. O gaúcho e o litorâneo são elementos que devem ser lembrados na campanha de assimilação na comunidade” (O Nosso Estado, s/ano, p. 22).

A análise do trecho transcrito acima demonstra como a localização geográfica influenciou a representação característica do Rio Grande do Sul expressa no livro didático, seja no modo de viver, de vestir, falar, trabalhar, ou seja, na construção cultural, que na abordagem do livro é estabelecida no intuito de caracterizar as diferentes regiões a partir de suas diferentes nuances. No entender de Chartier (2009, p.49) “representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade.”

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os fatores destacados, compreende-se que a utilização do livro didático, como fonte de pesquisa, permite investigar a circulação de ideias a respeito daquilo que a escola pretendia ou deveria transmitir/ensinar, possibilitando, também, conhecer a concepção educativa que tem permeado as propostas de formação dos sujeitos escolares por meio das possíveis interrogações a serem feitas em relação ao conteúdo e/ou discurso tangível nestas obras. A análise dos livros possibilitou identificar que na produção, edição, circulação e utilização destas obras ocorre o processo de materialização da cultura escrita, neste caso, da cultura escrita escolar. Neste sentido, entende-se que a produção do conhecimento histórico deve ser indissociável do seu contexto de produção, pois nenhum documento é neutro, toda fonte documental carrega consigo a perspectiva de quem o elaborou, seja ele um documento oficial, seja ele um livro escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICCAS, Maurilane de Souza. **Roger Chartier: contribuições para a história da educação**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org). **Pensadores Sociais e a História da Educação**. BH: Autêntica, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. RJ: Forense Universitária.1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Do livro à Leitura**. In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a Leitura do Tempo**. BH: Autêntica, 2009.
- CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das Edições Didáticas: sobre o estado da arte**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez, 2004.